

O
SAMURAI
AFRICANO

BASEADO NA HISTÓRIA
REAL DE YASUKE

TRADUÇÃO DE CELINE MIGDALSKI

CRAIG SHREVE



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2024

O Samurai Africano

Copyright © 2024 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2023 CRAIG SHREVE

ISBN: 978-85-508-2259-4

Translated from original The African Samurai. Copyright © 2023 by Craig Shreve. ISBN 9781668002865. This translation is published by arrangement with Westwood Creative Artists Ltd. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda. Copyright © 2024 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2024 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Shreve, Craig
O samurai africano / Craig Shreve. -- Rio de Janeiro : Alta Books, 2024.

ISBN 978-85-508-2259-4

1. Ficção canadense (Inglês) I. Título.

24-194235

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura canadense em inglês 813

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Gerência Comercial: Claudio Lima

Gerência Marketing: Andréa Guatiello

Coordenadora Editorial: Illysbelle Trajano

Produtora Editorial: Beatriz de Assis

Assistente Editorial: Viviane Corrêa

Tradução: Celine Migdalski

Copidesque: Beatriz Guterman

Revisão: Alessandro Thomé

Diagramação: Joyce Matos



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

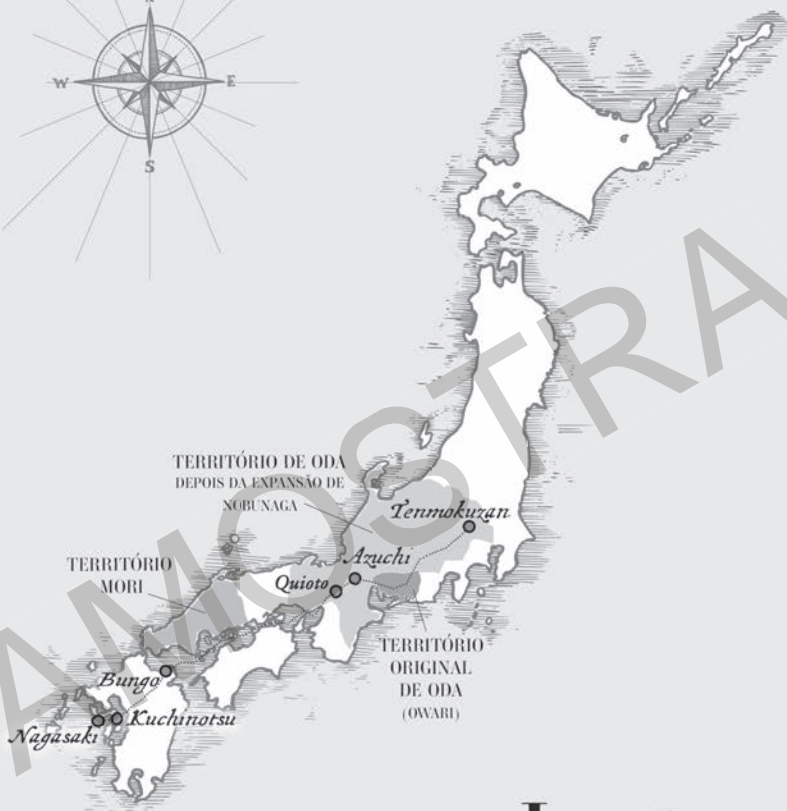
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br





TERRITÓRIO DE ODA
DEPOIS DA EXPANSÃO DE
SOBUNAGA

TERRITÓRIO
MORI

TERRITÓRIO
ORIGINAL
DE ODA
(OWARI)

Bungo
Nagasaki
Kuchinotsu

Quioto

Azuchi

Tenmokuzan

..... VIAGENS DE YASURE

JAPÃO

Por volta de 1579



I

O Escravo e o Daimiô

Faça uma xícara de chá deliciosa; posicione o carvão para que esquente a água; arrume as flores como no campo; o verão sugere frescor, o inverno, calidez; prepare

tudo com antecedência; prepare-se para a chuva; e trate com consideração todos que estiverem com você. Não há outro segredo.

— Sen Rikyu, mestre de chá



1

Lar é um lugar ausente para mim, mais um sonho do que uma memória. Mesmo os fragmentos aos quais me agarrei pareciam estranhos e distantes, como coisas que aconteceram na vida de outra pessoa. A vida de alguém que não foi levado para longe, que não foi destituído de suas próprias possibilidades. E ainda assim, às vezes, uma memória surgia tão claramente que chegava a doer.

Quando eu era criança, minha família e alguns outros membros da tribo percorreram a longa trilha que ia, à sombra do Monte Namuli, da nossa aldeia até a costa. O ano já estava acabando, e era época da postura dos ovos. Nós erguemos nosso acampamento na beira da praia e, à noite, observamos as tartarugas chegarem à terra, uma multidão delas, com seus cascos duros e escuros e suas barrigas manchadas e macias. Elas pareciam se mover de forma independente, mas também em sintonia. E usavam as nadadeiras para criar reentrâncias na areia, em cima das quais repousavam. Nós gravamos esses locais na memória e fomos dormir.

Pela manhã, quando as tartarugas já tinham ido embora, nós desenteramos os ovos, pegando apenas a quantidade de que precisávamos. Então, percorremos a trilha de volta para a aldeia, carregando cuidadosamente os ovos em cestas. Cerca de dois meses depois, nós fizemos a longa caminhada até a praia novamente. Erguemos nosso acampamento no mesmo lugar, na beira da praia. E sob a luz da lua cheia, a areia começou a formar sulcos e se deslocar. Uma minúscula tartaruga-de-escamas apontou para fora, depois mais uma, seguida por mais uma dúzia e uma centena. Um

bando de pequenas tartarugas rastejando em direção à enorme extensão de espuma verde, atraídas por algo que nunca poderíamos entender. Eu queria acreditar que estavam rastejando para o mar em busca de suas mães, para se juntarem a elas.

A primeira viagem até o mar havia acontecido para coletar alimento. A segunda viagem, para que aprendêssemos a razão de deixar o máximo possível de ovos, de pegar apenas o necessário. Eu consigo me lembrar da voz da minha mãe, mas não do seu rosto. Também não me lembro do rosto do meu pai. Tenho breves lembranças de ler e escrever embaixo de uma mangueira. De trabalhar nas minas, ao lado dos outros meninos, desgastando as paredes da caverna para extrair minério; de brincar com eles nos campos, usando pedrinhas para jogar mancala¹ nas ruas sujas. Lembro-me de festas com tambores, máscaras e túnicas de cores vibrantes, da empolgação de ver visitantes de outras terras e das cerâmicas que eles traziam para negociar. E me lembro das tartarugas, surgindo da areia e abrindo caminho até o mar.

Ali, fui livre pela última vez.

— VOCÊ NÃO PRECISA FICAR me cercando, não tem ninguém no barco a não ser nossos próprios homens.

Padre Valignano falou sem levantar os olhos de seu trabalho. O jesuíta parecia envelhecido sob os tênues raios de sol que entravam pela escotilha, as sombras realçando as linhas de seu rosto e da testa e aprofundando as cavidades ao redor dos seus olhos. Sua cabeça balançava para dentro e para fora do feixe de luz pálida, ressaltando o cabelo grisalho curto. Sua barba igualmente grisalha, aparada e estreita, chegava quase ao papel que ele rabisava. Contudo, sua mão estava firme quando mergulhou a pena no tinteiro e rapidamente, mas com cuidado, a desenhou ao longo da página. Sua voz, como sempre, manteve a firmeza de alguém acostumado a comandar.

— Meu trabalho é protegê-lo de todos os homens. Não só dos outros homens — respondi.

— Você tem tão pouca confiança em seus companheiros de viagem?

1 Mancala é um jogo de tabuleiro de origem africana, também conhecido como o Xadrez do Oriente.

— Um guarda-costas que se fia na confiança geralmente falha em sua tarefa.

— Em japonês, por favor.

Valignano ainda não tinha levantado os olhos da escrivanhinha. Eu hesitei, procurando as palavras. Tinha passado muitos meses aprendendo a língua e a história japonesa, em preparação para a viagem e durante os longos dias a bordo do navio, mas sempre sentia dificuldade em fazer a transição do português. Depois de um momento, repeti minha declaração em japonês. Valignano aquiesceu em aprovação e fez algumas correções mínimas, então continuou na língua que era nova para nós dois.

— Por que você não sobe e vai tomar um pouco de ar? — perguntou, acenando para que eu saísse.

— Você sabe que eu não gosto do mar — afirmei.

— Sim. Para um homem tão grande, você tem medo de muitas coisas.

— Ao homem que não teme, falta prudência.

— Ao homem que teme demais, falta fé. Você precisa confiar em Deus, meu filho. Aquele cuja fé é firme caminha ileso pelo mundo. Sem medo.

Aceitei a reprimenda em silêncio. Eu aprendera muito com os jesuítas. Conseguia recitar trechos extensos da Bíblia deles, tanto em português quanto em latim, e uma quantidade crescente de trechos em japonês. Admirava a convicção dos padres e acreditava que ela era genuína, mas uma pequena parte de mim resistia a ceder completamente a ela. Para mim, um homem que convoca Deus para lutar suas batalhas rapidamente se esquece de como lutá-las sozinho. A fé parecia um privilégio proporcionado aos protegidos, aos que vivem no conforto, mas eu sempre escolheria uma espada, e não uma cruz, para me proteger.

E embora ele nunca fosse admitir, suspeito que Valignano concordaria comigo.

O padre de olhos de aço levantou o olhar do seu trabalho, com a paciência, notoriamente conhecida como parca, esgotada.

— Logo chegaremos ao porto, e você terá oportunidades suficientes para se plantar atrás de mim e fazer cara feia.

Eu fechei a cara ao ouvir o comentário, e então sorri quando me dei conta do que estava fazendo. Fiz uma reverência e abaixei a cabeça sob o batente da porta ao sair.

Passei meu aniversário de 24 anos naquele barco, a caminho do Japão. Doze anos tinham se passado desde que vi minha aldeia pela última vez,

e havia muito eu tinha desistido da esperança de vê-la de novo. Doze anos livre, na África; doze anos escravizado, na Índia, em Portugal, na China, vendido a mercenários, a um exército, a uma Igreja. Metade da minha vida em meio à família, metade da minha vida entre estranhos. Metade da vida, uma criança; a outra metade, um soldado.

Eu abominava o convés, mas, mesmo assim, subi até lá. Havia observado atentamente o capitão e aprendido o funcionamento básico de suas ferramentas e de seus cálculos, mas ainda não conseguia entender como os homens podiam navegar quando não havia nada além de água para ser vista em todas as direções. Tentei ler as estrelas, como havia visto o capitão fazer algumas vezes, mas não tinha muita habilidade para a tarefa. E isso me frustrava. Para todas as outras coisas, eu tinha provado ser um aprendiz rápido, fossem as armas e estratégias dos mercenários ou os livros e idiomas dos sacerdotes, mas os caminhos do mar permaneciam um mistério para mim.

Fiquei em pé na amurada, a sotavento, e a fim de evitar olhar para o mar, fiquei observando o movimento das velas. Um punhado de homens se debatia com cordas e nós, enquanto outros limpavam o sal acumulado no convés dianteiro do navio. Os conveses, os mastros e o navio inteiro haviam sido enegrecidos com betume, e a mancha branca brilhante da água do mar mostrava até onde as ondas do dia anterior haviam chegado.

A maior parte dos homens estava no convés inferior, e embora tivessem me convidado a acompanhá-los em algumas poucas ocasiões, eles confiavam em mim ainda menos do que eu confiava neles. Sentava-me ao lado deles enquanto contavam histórias e apostava algumas moedas contra eles enquanto jogavam pedrinhas, mas meu dever era permanecer vigilante o tempo todo, então eu não bebia com eles, e isso os fazia suspeitar de mim. Além disso, tínhamos alcançado o ponto da viagem em que a violência estava logo abaixo da superfície, pronta para aflorar com a menor disputa ou na mais inocente das ofensas. A rota de Valignano para o Japão tinha incluído paradas na Índia e na China, e apesar de termos trocado de barco e de tripulação em determinados pontos do caminho, esse grupo estava no mar havia quase um mês. Eu não tinha nenhuma intenção de agir como pacificador nem paciência para escutar as reclamações dos homens. Seus alojamentos apertados e suas rações amanhecidas eram luxos em comparação com minha própria experiência em navios.

Um dos tripulantes, que tinha uma barba imensa e provavelmente estava muito bêbado, estava ralhando com outro homem, em pé sobre um caixote que havia caído e estava rachado. Aos pés deles, sedas de cores vibrantes da China se espalhavam, caindo da brecha para o convés esfregado com sal.

No porão de carga, abaixo de nós, um número impossível de caixotes continha Bíblias, cruzes, tecidos europeus, joias e outros itens de qualidade. Mas principalmente armas. Caixotes e mais caixotes de mosquetes, carabinas e o prêmio de Valignano: três canhões novos, poderosos, capazes de destruir a muralha de uma fortaleza ou devastar uma fileira de cavalaria.

As armas seriam oferecidas aos japoneses se eles se revelassem suficientemente devotos. Se permitissem que os jesuítas construíssem suas igrejas. Se permitissem que ensinassem sua religião aos seus filhos e filhas japoneses. Se eles se convertessem, e se também ordenassem a conversão dos membros de seus clãs, então teriam as poderosas armas europeias para usar contra seus rivais. E Valignano teria uma posição segura na Ásia. Armas em troca de almas.

Algumas partes da religião dos jesuítas ainda permaneciam obscuras para mim, mas eu entendia muito bem o comércio. Eu havia sido entregue aos jesuítas. Nas escolas deles, aprendi a ler e escrever; lá me ensinaram a história do homem branco e a religião do homem branco.

Ao ouvir meu nome, o padre jesuíta carrancudo que me recebeu havia feito um muxoxo de desgosto, substituindo-o por um nome cristão. Eles me deram o nome do filho de Abraão e me contaram a história de como Deus pediu que ele provasse sua fé pelo assassinato de seu único filho. De como Abraão construiu um altar, amarrou seu filho nele e afiou seu facão, mas Deus ordenou que ele parasse, pois estava satisfeito.

Os portugueses escolheram bem o nome. Isaque. Um homem para ser sacrificado. Uma coisa para ser oferecida.



2

Meu primeiro vislumbre do Japão foi decepcionante. Nós deveríamos atracar em Nagasaki, na província de Hizen, onde os comerciantes portugueses haviam estabelecido um entreposto lucrativo. Eu estava esperando ver uma cidade portuária vibrante, mas uma névoa espessa pairava sobre a baía, deixando qualquer coisa além do tortuoso cais de madeira obscurecida demais para que eu pudesse descrever com segurança. O cais propriamente dito era movimentado, mas não excessivamente — havia, em grande parte, canoas carregando sacos de arroz ou pacotes de peras e maçãs. Homens em roupas escuras e largas se equilibravam com destreza na beirada de barcos minúsculos e jogavam sua carga no convés, ou manobravam as longas varas na popa dos barcos para levar suas coisas para mais perto da costa.

Ao ouvir o capitão gritar “Terra à vista!”, a tripulação subiu do porão, e o convés ficou repleto de marujos. O mau humor da semana que passou transformou-se em sorrisos e aplausos. Ao meu lado, Padre Valignano soltou um grunhido quase inaudível. Segui o olhar dele. Uma das canoas estava sendo empurrada para fora da doca, levando a bordo um homem vestido com a familiar túnica preta. Valignano reparava em tudo.

— Lance a âncora aqui, capitão — determinou ele calmamente. — E prepare-se para ajudar um visitante a embarcar.

O capitão vociferou ordens. Uma vibração coletiva atravessou os homens, seguida por um turbilhão de atividade.

Valignano observou a canoa se aproximar, como se seu olhar fosse a única coisa impulsionando a embarcação na nossa direção. O padre que ela carregava foi conduzido a bordo e apresentado. Ele juntou as mãos em frente ao corpo e abaixou a cabeça.

— Irmão Ambrosius.

— Padre Valignano, é uma benção ver que sua viagem foi bem-sucedida. Estamos honrados em receber um visitante tão estimado de Roma.

— Tão honrado que decidi me receber aqui, e não em terra firme.

Os ombros do padre ficaram tensos, como se tivesse sido fisicamente atingido, mas ele permaneceu em silêncio e com a cabeça baixa. Valignano suspirou. Ele fechou os olhos e beliscou ligeiramente a ponta do nariz. Quando falou, não fez esforço algum para esconder a impaciência.

— Muito bem, então. Capitão, vamos precisar dos seus aposentos.

QUANDO ENTRAMOS NOS APOSENTOS DO capitão, Irmão Ambrosius se permitiu um momento para me avaliar. Eu estava acostumado a isso. Minha pele era de um preto mais profundo do que a da maioria dos africanos, preta o suficiente para parecer brilhar. Meu cabelo, normalmente raspado, mas que havia crescido durante a viagem, estava trançado e chegava quase até o colarinho. Eu era uma cabeça mais alto do que a maioria dos europeus, e meu treinamento havia deixado meus ombros largos e meu corpo musculoso o suficiente para se revelar, a despeito da pantalonada fluida e da blusa larga de algodão que eu vestia. A espada de bordo presa ao meu quadril também ressaltava o que pretendia ser uma imagem intimidadora, com sua lâmina e seu punho pintados de preto para resistir à ferrugem causada pelos respingos de água salgada de uma longa viagem oceânica e, se necessário empunhá-la no escuro, para evitar o brilho revelador do metal.

O novo padre permaneceu em pé, vacilante, suas pernas não habituadas até mesmo ao leve balanço das águas rasas, mas ele disfarçou bem o desconforto. Seu cabelo castanho formava cachos embaixo das orelhas, mas era bem cuidado, e sua barba por fazer falhava em esconder uma cicatriz de aparência suspeita no lado esquerdo da mandíbula.

A maior parte dos padres que vi se enquadrava em uma de duas categorias: os acadêmicos de pele rosada e macia e rosto redondo, que haviam se preparado para a atividade com anos de estudo; e os homens esguios, de



pele bronzeada e olhos penetrantes, que haviam sido endurecidos pela vida antes de encontrar uma ambição dentro da Igreja. Esse homem pertencia à segunda categoria. Assim como Valignano. Havia rumores de que, quando jovem, Valignano tinha esfaqueado um homem até a morte em uma briga de rua em Veneza, e embora fosse impossível conhecer a verdade a respeito desse tipo de coisa, eu não descartava a veracidade da história. Alguns homens nasceram para a fé. Outros, de origens menos aprazíveis, foram convertidos à fé.

Em vez da postura habitual de cruzar as mãos na frente do corpo e enfiá-las na manga do braço oposto, o outro padre permaneceu com os braços relaxados e para baixo, deixando as mãos completamente visíveis. Quando chegamos aos aposentos do capitão, Valignano não ofereceu comida, nem bebida, e o outro religioso foi esperto o bastante para perceber a advertência que isso encobria.

— Sua jornada foi longa, padre. Não vou atrasá-lo com as formalidades de praxe. Vim até aqui para pedir que estenda sua viagem por mais um dia.

— Há problemas na colônia?

— Não, padre. Nenhum problema sério.

Valignano voltou-se para o conjunto de escotilhas atrás da mesa do capitão e olhou para as ondas que quebravam suavemente. Irmão Ambrosius continuou:

— O senhor da região é um homem chamado $\text{\textcircled{X}}$ mura Sumitada. Ele não se opõe à nossa presença aqui, mas achamos que ele poderia ser $\text{\textcircled{X}}$ mais amistoso com a Igreja. Nossa missão em $\text{\textcircled{X}}$ uchinotsu conta que o senhor daquela região está disposto a ser mais colaborativo.

Observei Padre Valignano, buscando por algum sinal, mas ele permaneceu impassível. Sua visita ao litoral japonês era a primeira feita por um dos padres do alto escalão da Igreja jesuíta. Seu título de Visitador das Missões nas Índias lhe dava completa autoridade sobre quaisquer assuntos da Igreja na Índia e na Ásia. Considerando que levaria mais de um ano para enviar uma mensagem a Roma, e mais um ano para receber uma resposta, para todos os efeitos, ele era o Papa da região. Seria difícil subestimar o valor e o prestígio concedidos a qualquer senhor que o recebesse. O outro padre era esperto o suficiente para não tentar apelar ao ego de Valignano, explicando a questão a ele. Valignano tinha, sim, um ego prodigioso, mas durante os meses em que passei a conhecê-lo, nem uma única vez eu o vi colocar seus próprios interesses à frente daqueles da Igreja. Sua devoção à

missão era obstinada. E eu o conhecia o bastante para saber quais seriam suas perguntas.

— E esse Sumitada, como ele responderá a uma afronta dessa natureza?

— Mal, com certeza. Mas não fará nada contra nós. A moratória sobre o comércio entre China e Japão permanece intacta, o que segue sendo lucrativo para nós. A cada dois meses, um dos nossos barcos chega com mercadorias da China e carrega mercadorias do Japão destinadas a Macau e, a partir de lá, aos mercados chineses. O Senhor Sumitada não vai colocar o comércio em risco com retaliações.

— E o equilíbrio entre Nagasaki e Uchinotsu?

— Não será afetado de maneira significativa. Certamente não a ponto de causar mais instabilidade.

— Então o Japão continua dividido.

— Sim, mas não tanto quanto da última vez que você recebeu notícias.

— Conte-me.

A mudança de assunto indicava que a decisão havia sido tomada. A tripulação não ficaria contente com a perspectiva de navegar por mais um dia, e eu também não estava, mas Valignano não costumava ouvir ninguém antes de tomar uma decisão, nem se desviava dela depois de tomada. Os homens já estavam sonhando com terra firme, camas confortáveis e comida fresca, mas esses desejos pouco significavam para Valignano.

Ele tirou os olhos da escotilha e se virou, gesticulando em direção ao mapa rudimentar do Japão que estava estendido sobre a escrivaninha do capitão. Ambrosius pigarreou e deu a volta na mesa.

— Oda Nobunaga ainda é o mais importante dos daimiões e consolidou seu poder na região central do Japão. Ele derrotou a cavalaria de Takeda em Nagashino e, embora Takeda Iatsuyori tenha fugido, em vez de se submeter, o clã está enfraquecido demais para representar uma força relevante na região. O cerco do senhor Nobunaga ao templo budista Ishiyama Hongan-ji continua, mas os monges guerreiros não conseguirão resistir por muito mais tempo.

Irmão Ambrosius apontava locais no mapa enquanto falava, e eu ansiava por perguntar sobre táticas, números e armamentos, mas sabia que Valignano não toleraria que eu falasse fora de hora. O nome de Nobunaga me era familiar, o líder do clã Oda que tinha derrubado o xogunato havia cerca de vinte anos e sinalizado aos daimiões — os senhores da guerra dos territórios fragmentados do Japão — que pretendia governar todos eles. Depois de



mais de cem anos de um Japão dividido, com cada senhor local lutando novamente com seus vizinhos, a cada primavera, para garantir seu território ou estendê-lo, Nobunaga pretendia reunir o país sob um único líder mais uma vez, a despeito da força necessária para fazê-lo. Alianças antigas foram desfeitas e novas foram forjadas à medida que senhores menos importantes buscavam a proteção de uma aliança com os mais poderosos e os senhores poderosos tinham em vista a reunificação do Japão sob sua própria bandeira. Engoli minhas perguntas e ouvi, absorvendo o máximo possível.

— Há resistência na província de Iga. Os anciões dizem que Iga nunca foi e nunca será conquistada, mas em breve Nobunaga voltará sua atenção para lá. O filho dele, Nobutada, foi derrotado ali, mesmo tendo um exército maior, e Nobunaga não permitirá que essa humilhação passe em branco — explicou Irmão Ambrosius. — Os Takeda, ainda que severamente enfraquecidos, mantêm o controle da região ao redor do Monte Fuji, e Nobunaga também não pode permitir que Fuji permaneça fora do seu controle se seu objetivo é governar o Japão.

Valignano apontou um dedo para mim, fazendo com que Ambrosius ficasse em silêncio pelo choque.

— Fale — ordenou Valignano.

— Eu não disse nada — protestei de maneira suave.

— Precisamente. Viajamos juntos há tempo suficiente. Sei quando sua língua está impaciente, e é cansativo tentar ignorar. Fale.

— Irmão Ambrosius — comecei, desconsiderando o ligeiro desdém estampado em seu rosto, além do claro desagrado que sentiu ao perceber que Valignano permitiria que eu me dirigisse a ele. — Qual é o valor do Monte Fuji? Não parece estar estrategicamente posicionado.

Ambrosius enrijeceu a mandíbula, mas respondeu:

— O Monte Fuji não tem nenhum valor estratégico, mas tem uma enorme importância cultural. É importante para as pessoas como um símbolo.

— Então ele não deseja apenas conquistar — afirmei, pensando em voz alta. — Ele quer que as pessoas aceitem seu governo de bom grado.

Irmão Ambrosius ignorou o comentário e prosseguiu:

— Nobunaga está próximo do seu objetivo de unificar o Japão. Ele já tem o controle de cidades-chave como Quioto e Sakai. Provavelmente marchará contra Iga dentro de meses e, se for bem-sucedido lá, entrará em ação para liquidar o clã Takeda.

Ele fez uma pausa para levantar os olhos do mapa e gesticulou com a mão, como se para sugerir que ele mudava com muita frequência e fosse inútil estudá-lo.

— A única resistência efetiva que ainda resta é o clã Mori, no oeste. Ninguém mais é forte o bastante, organizado o suficiente e tem os recursos necessários para erguer uma defesa viável. A guerra entre os Oda e os Mori é inevitável. Uma vitória lá, e nada ficará entre Nobunaga e um Japão unificado.

Padre Valignano olhava tranquilamente para o mapa e ouvia sem reação, mas eu sabia que ele também estava absorvendo tudo, avaliando o cenário e calculando as oportunidades para a Igreja.

— Como ele vê a nossa missão?

Irmão Ambrosius me olhou rapidamente, para ver se eu seria dispensado.

— Talvez os assuntos da Igreja devam ser discutidos.

— Os assuntos da Igreja serão discutidos onde e quando eu tiver perguntas sobre eles — declarou Valignano friamente, sem nunca levantar a cabeça para fitar Ambrosius.

Lutei contra a vontade de sorrir. O padre ficou ainda mais cauteloso.

— Eu diria que ele é tolerante. Recusou-se a se converter e a ser batizado, mas escrevemos a você sobre o padre xintoísta, Nichijo, não escrevemos?

— Sim. Ele continua causando problemas?

— Não mais. Ele tinha convencido o imperador a banir o cristianismo, mas Nobunaga interveio. Ele ordenou que Nichijo participasse de um debate sobre religião com nosso Padre Frois. Eu infelizmente não pude comparecer, mas Padre Frois, pelo que sabemos, comportou-se de forma esplêndida. Nobunaga revogou o decreto do imperador, e Nichijo foi punido. Devo registrar que Nobunaga tem sido particularmente duro com os monges budistas que têm manifestado oposição a ele nos territórios. Ele incendiou o templo deles em Monte Hiei e chacinou todos que lá estavam, sem exceção.

— Não lamentarei as vidas perdidas dos infiéis.

O padre limpou a garganta.

— Claro, padre. Eu não conheço os sentimentos de Nobunaga em relação à Igreja, mas é fato que ele aprecia imensamente os ornamentos e as iguarias estrangeiras, assim como algumas das nossas outras oferendas.